

FAMÍLIA E EDUCAÇÃO: DUAS INSTITUIÇÕES INDISSOCIÁVEIS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Katiane Alyne de Souza Ribeiro da Silva
Centro de Ensino Dr. Otávio Vieira Passos
profkatialyne@gmail.com

Resumo: A educação vivenciada no século atual tem obrigado docentes, gestores, supervisores, enfim, todos que fazem parte do universo educacional a fazerem o seguinte questionamento: o que houve com a Educação? Em que momento ela deixou de ter importância na formação intelectual e moral do homem? Ao serem analisados dados consolidados pelos órgãos educacionais percebe-se o quanto o processo de defasagem nessa área tem se acentuado nos últimos anos. Assim, buscam-se culpados ou razões que possam justificar esta realidade, e o que mais tem se aproximado como justificativa plausível à referida situação é a ausência da família no processo de formação do indivíduo, tendo em vista que esta é a base de todo e qualquer ser. O fato de a educação possuir estreitos laços com a instituição familiar não é uma ideia recente, pois teorias relevantes que foram desenvolvidas e comprovadas cientificamente por estudiosos da área reforçam a veracidade dessa situação. Nesse sentido, cabe apontar, ainda, o Desenvolvimento Humano como resultado que irá depender da boa relação existente entre Família e Educação, tendo em vista que é a partir dessas duas instituições que se poderá tecer o fio condutor que fornecerá o contorno do perfil do cidadão. Este, portanto, depende destas (Educação e Família) para desenvolver ou consolidar o seu desenvolvimento. Dessa forma, julgou-se pertinente a realização de um trabalho voltado para esses aspectos que auxiliam a melhor compreensão do que vem a ser, de fato, Educação, e como esta tem se configurado aos olhos dos estudiosos da área em discussão.

Palavras-chave: Família, Educação, Formação Humana.

INTRODUÇÃO

Nossa contemporaneidade tem vivido situações de naturezas diversas que se referem à relação família e escola, e que envolvem o desenvolvimento de habilidades diversas do homem. Esta discussão, embora não seja recente, tão pouco inovadora no universo acadêmico, ainda assim possui pertinência quando se trata de buscar métodos de trabalho que levem a instituição familiar para dentro da escola.

A necessidade de realizar uma relação de intimidade entre as instituições em pauta centra-se na ideia de que aquelas partilham situações que as tornam imprescindíveis na vida do indivíduo. A relação existente entre estas duas instituições precisa ser harmoniosa, do contrário não existirão motivos para que haja, assim, sucesso com relação aos resultados que dela (relação) dependerão.

A educação é representada, fisicamente, pela escola, espaço este dedicado à construção intelectual do indivíduo (SILVEIRA, 2003), porém, esta não se resume a aprender a ler e escrever. O processo educativo está além disso, tendo em vista que educar significa ajudar no processo de formação para a vida em sociedade.

Vale ressaltar, ainda, da importância em discutir acerca do fracasso escolar, tendo em vista que as indagações frente a esta situação possuem certas imprecisões, pois muito se questiona sobre a existência deste fracasso, e se o mesmo existe quem seria o seu maior causador?

Com relação ao Desenvolvimento Humano este possui uma variedade considerável de implicações que estão intimamente ligadas à dependência da suntuosa relação harmônica que deverá existir entre Educação e Família.

A partir de teóricos que voltaram seus estudos para o assunto em pauta, poder-se-á vislumbrar em que circunstâncias poderão ser analisadas a Educação e Família como Instituições responsáveis pelo Desenvolvimento Humano de um determinado indivíduo.

FAMÍLIA: o alicerce do Desenvolvimento Humano

A família, que está presente em todas as culturas, é a primeira rede social da qual o indivíduo fará parte, sendo esta a primeira instituição responsável pelo desenvolvimento deste cidadão que se encontra em processo inicial de formação. (AMAZONAS, DAMASCENO, TERTO & SILVA, 2003).

A sociedade impõe aos seus membros situações e escolhas que deverão ser tomadas, uma espécie de estereótipo social, tendo em vista que tudo o que fugir à essa regra será considerado à margem desta mesma sociedade. Assim, o homem sente-se obrigado a fazer desta imposição sua escolha de vida. Nesses moldes formou-se a mentalidade do cidadão contemporâneo, ou seja, tudo aquilo que transgredir as leis sociais preestabelecidas, tais como uma boa conduta moral, uma vida dentro dos padrões da lei, será considerado à margem da sociedade. Sendo esta uma realidade necessária e exigida, a família possui, como uma de suas atribuições legais, o compromisso de firmá-las (leis sociais preestabelecidas tidas como corretas) em seu seio por meio da construção moral de seus membros que deverão ser assessorados por meio de regras consideradas como sendo de boa conduta. Berger e Luckmann (1985, p. 174) chamam de interiorização o processo de apreensão do mundo "como realidade social dotada de sentido". Ou seja, tornou-se significativo aquilo que a sociedade impõe ao seu cidadão. Nesse momento, atendendo a estes anseios sociais, o homem se torna membro da sociedade que Berger e Luckmann (1985, p. 79 e 109) intitulam tipificações das ações habituais.

A família passa a ser pensada, então, como modelo nuclear pregando, assim, um discurso voltado para as regras moralistas e temas afins. Esta maneira de refletir acerca da instituição familiar possui certo poder que Szymanski (1995) chama de família pensada, pois a

partir desta pensar-se-á nas regras que irão conduzir as formas de tratamento de outras instituições como a escola, por exemplo.

O PAPEL DOS PAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO: a proposta freireana

Paulo Freire (1996) faz uma abordagem no que se refere ao desenvolvimento humano por meio da educação libertadora defendendo a ideia de que a formação de pais e mães irá garantir um ambiente mais propício ao desenvolvimento do indivíduo em formação.

De acordo com a proposta freireana, não basta ser pai e mãe para saber educar crianças e adolescentes, pois não se trata de transferir um conhecimento acumulado, e sim introduzir um pensamento crítico, pertinente à formação deste ser.

A família deixa de ser vista com sentido opressivo e passa a ser, então, analisada a partir de um olhar mais democrático, com práticas educacionais e atitudes renovadas voltadas para a liberdade de reflexão crítica-constructiva passando, nesses moldes, a apresentar uma postura mais educacional.

Faz-se necessário apontar, ainda, que o contexto em que a família está inserida é de relevante importância para que se possa compreender em quais circunstâncias desenvolvem-se o processo formativo do indivíduo em questão, pois o ambiente familiar não se limita ao espaço de dentro de casa, tendo em vista que esta se estende, também, à comunidade da qual a família faz parte. De acordo com Freire (1970), não basta apenas identificar o tipo de família, mas o tipo de vida que esta proporciona ao filho que se encontra em processo de formação constante. Mediante essa análise crítica os pais passaram a refletir melhor sobre as barreiras, dificuldades enfrentadas ao tornarem-se educadores de suas crianças, adolescentes. É importante lembrar que a instituição familiar é a primeira condição social estabelecida a uma criança, portanto, a abordagem freireana é de relevante valia para esta situação, pois não basta apenas por o filho no mundo, é preciso, antes de tudo, perceber o real sentido do verbo “educar”.

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DO SER SOCIAL

No mundo industrial, a escola, como se configura atualmente, é uma instituição recente, tendo em vista que o seu surgimento se deu a partir de exigências por um mundo mais industrializado, ou seja, a escola veio atrelada a uma série de teorias estritamente tecnicistas,

pois a sua função era somente a de formar operários capazes de operarem máquinas, consertar engrenagens, etc.

Com o advento do século XX a dedicação ao trabalho, tanto por homens quanto por mulheres, fez com que as escolas aumentassem a sua demanda e esta passou a exercer um papel ainda maior na vida destes indivíduos.

O fato de a instituição escolar conduzir o portar-se socialmente fez com que o homem percebesse na escola não apenas um instrumentalizador para o aperfeiçoamento de sua profissão, e sim um elemento essencial para a sua formação enquanto ser socialmente ativo em seu meio. Assim, a escola passa a ser uma extensão da família ao que se refere à construção da identidade do ser social (VALADÃO; SANTOS, 1997).

Mesmo vivenciando esta nova situação com relação ao papel da escola, o ser em formação é o principal responsável pela transformação do seu conhecimento, pois este deve tornar aquilo que lhe é predefinido por meio de teorias antes desenvolvidas em um pensamento crítico-reflexivo.

A parceria entre pais e escola é imprescindível na vida da criança, assim, faz-se necessário que haja por parte da segunda uma campanha de conscientização, principalmente nos primeiros contatos da criança com o ambiente escolar, direcionada aos pais, tendo em vista que quanto mais conscientes da importância do papel da escola na vida do filho aqueles tiverem, mais força terá a parceria existente entre família e educação, pois estas duas instituições são, de maneira inquestionável, de relevante importância na vida deste ser em construção.

O espaço escolar precisa transformar-se em um ambiente que inspire confiança aos pais, portanto, há necessidade de haver uma sintonia entre a escola e a família para que a vida escolar de seus filhos se torne mais segura.

À proporção que os dias forem evoluindo a criança que estiver inserida no contexto de “uma escola segura” passará a sentir-se mais à vontade no ambiente escolar. O contato com outras crianças com sua mesma faixa etária é de grande valia nesse processo:

Na idade escolar o essencial da vida para o pequeno aluno são, indiscutivelmente, as relações que o ligam aos outros. Essas relações são também, sem interrupção, marcadas por uma necessidade de valorização. É delas que a criança retira a confiança em si mesma, a força do seu impulso. (MÉDICI, 1961, p. 49).

A sala de aula é capaz de gerar nos alunos o sentimento de confiança, é nesse momento, com o contato mútuo entre estes que serão gerados os primeiros embates. O autoconhecimento possui terreno garantido nessa fase, a autoconfiança se solidificará nesses moldes. Ou seja, será iniciado por parte da criança o processo de confiança em si e nos outros.

O professor possui um papel relevante na construção dos princípios da confiança que a criança desenvolverá. Portanto, ele precisará estar sempre pronto para atender aos anseios e dúvidas que estes terão ao longo de sua caminhada na escola.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente a sua sintaxe, a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever, de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao desejo de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 1996).

Mediante a relação professor-aluno a criança tenderá a transferir toda a confiança que tinha em seus genitores ou responsáveis a este adulto próximo que se encontra diariamente em contato com ele no ambiente escolar. Aos poucos o aluno vai adquirindo autoconfiança até considerar-se dono de seu pensamento crítico e o professor precisa estar preparado para isso.

Atualmente o fracasso escolar é visto como um dos maiores vilões do sistema educacional. A tendência é que se busque sempre um culpado para esta situação, alguém que possa assumir, sozinho, este fardo. A partir daí percebe-se o jogo que existe com relação à culpabilidade que precisa ser diluída entre as instituições que formam o todo educacional.

Alicia Fernandez (1994) lembra que a culpa, o considerar-se culpado, em geral, está no nível imaginário, e que a responsabilidade é a ideia contrária à culpa, ou seja, para ser responsável por seus atos é preciso sair do lugar da culpa.

O fracasso é definido como um mau êxito, uma ruína, ou seja, tudo aquilo que foge à regra do sucesso.

Em educação o fracasso se fará presente nesses moldes, assim, a sociedade impõe que tudo aquilo que não estiver de acordo com as exigências institucionais serão consideradas fracassadas. É o caso, por exemplo, de crianças com dislexia na aprendizagem, hiperativas, agressivas, enfim, tudo que for de encontro com o modelo de educação perfeita.

A sociedade que apregoa o discurso do êxito educa por meio da domesticação, ou seja, da mera transmissão do conteúdo que deverá ser recebido pronto sem jamais questioná-lo. Tal percepção fora há alguns anos derrubada por teorias devidamente comprovadas como sendo as mais propícias e válidas no que se refere ao processo ensino-aprendizagem, tais como Paulo Freire, Moacir Gaddoti, Pedro Morales, Cipriano Luckesi, dentre muitos outros. Porém, o que ainda se evidencia com bastante força é a existência de escolas com discurso extremamente ultrapassados tais como o do adestramento escolar.

Para que haja uma educação de qualidade, sem fracassos em seu histórico, faz-se necessário que sejam criados espaços facilitadores para a aprendizagem, e a família, nesse

momento, é a base de garantia desse processo, tendo em vista que não é somente no espaço de sala de aula que a aprendizagem deve acontecer, ela precisa estender-se ao ambiente familiar mediante da criação de um ambiente propício à aprendizagem, com a aceitação do pensamento crítico, do incentivo ao fazer-se refletir de maneira independente.

A instituição escolar também pode ser vista como um dos colaboradores no fracasso da educação, pois aquela, não levando em consideração a visão de mundo ao qual pertence o aluno, pode prejudicar consideravelmente o seu desempenho, pois a escola precisa levar em consideração a realidade que faz parte da vida diária do discente.

Outro aspecto que precisa ser levado em conta é o fenômeno da não-aprendizagem, pois inúmeros fatores que afetam diretamente o interesse da escola podem ter sido desencadeados na própria escola e tais explicações precisam ser devidamente conhecidas e analisadas.

O bom relacionamento entre aluno e escola são fundamentais para que haja satisfação daquele em fazer parte do universo desta e isso pode ser verificado através do esforço do discente em contribuir para a elevação dos índices educacionais que compõem as metas impostas ao meio escolar que se dá, também, através do bom desempenho dos alunos, o que irá refletir diretamente no desenvolvimento humano deste mesmo aluno.

A aprendizagem relaciona-se diretamente com o vínculo que precisa existir entre ensinante e aprendente, mas isso não é suficiente para a garantia do sucesso no aprender, pois o ser humano precisa estar predisposto à sua aquisição, ou seja, o indivíduo precisa desejar tornar-se, de fato, um aprendente, precisa haver dedicação, doação ao exercício da aprendizagem, o desejar é o terreno onde se nutre a aprendizagem (FERNÁNDEZ, 2001).

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é o significado da aprendizagem e, principalmente, da não-aprendizagem para a família do indivíduo em formação, tendo em vista que a maior parte do tempo este ser que se encontra em processo formativo passará a maior parte de seu tempo no seio de sua família e esta, por sua vez, possui bastante influência na vida e nas escolhas que forem realizadas por este indivíduo.

CONCLUSÃO

No presente trabalho objetivou-se apresentar a Escola e a Família como sendo duas instituições sociais diretamente responsáveis pelo Desenvolvimento Humano. Para isso, buscou-se mostrar, por meio de uma bibliografia condizente com o assunto em pauta, fundamentações teóricas que comprovassem a veracidade da situação argumentada e debatida ao longo deste artigo.

Assim, tornou-se inevitável falar-se de educação sem fazer menção à família e da parceria que precisa haver entre esta e a escola para que o aprendente torne-se mais seguro em seus primeiros contatos com o ambiente escolar e mencionar o fazer pedagógico por meio da pessoa do educador, que é personagem de relevante importância no processo ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento humano engloba variados contextos relacionados à aprendizagem, dessa forma, uma relação de agradabilidade não apenas entre família e escola, mas também entre aluno e o ambiente escolar é primordial para que o sucesso intelectual do discente aconteça.

Julgou-se necessário, ainda, realizar um debate acerca do fracasso escolar e de suas consequências para a vida do aluno, pois o que se percebe é que quando o assunto é polêmico (relação família e escola), buscam-se culpados ao invés de soluções para a resolução desta situação. A conclusão do referido debate não foi a existência de um único culpado para o que fora intitulado fracasso escolar, tendo em vista que não existe o fracasso da escola, e sim falta de interesse por parte do educando na aprendizagem, motivo este que pode ter sido perfeitamente desencadeado pela família, pelo aprendente ou pelo professor.

BIBLIOGRAFIA

- AMAZONAS, M. C. L. A., DAMASCENO, P. R., Terto, L.M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8(especial), 11-20.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Silveira, L. M. de O. B. (2003). A família, a escola e a (pós-) modernidade. Em P. A. Guareschi, A. Pizzinato, L. L. Krüger & M. M. K. Macedo (Orgs.), *Psicologia em questão: Reflexões sobre a contemporaneidade* (pp. 123-132). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *O saber em jogo*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- MEDICI, Ângela (1961): *A escola e a criança*. Trad. Carlos Leite de Vasconcellos. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A.

SILVEIRA, L. M. de O. B. (2005). *A interação família-escola frente aos problemas de comportamento da criança: Uma interação possível?*. Projeto de Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS.

SZYMANSKI, H. "Teorias" e "teorias" de família. In: CARVALHO, M. C. B. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ, 1995.

VALADÃO, Cláudia Regina, e SANTOS, Regima de Fátima Mendes (1997): *Família e escola: visitando seus discursos*. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UNESP-Franca).